

## TORONTO MUSIC GARDEN

*Thea Standerski*

### Resumo

Este artigo foi escrito a partir de visitas feitas ao Toronto Music Garden durante uma estadia de quatro meses em Toronto pelo Projeto Bacias Irmãs, como parte do meu programa de Mestrado na FAUUSP. Este projeto é uma parceria entre a CIDA (Canadian International Development Agency), a USP (PROCAM e ESALQ), a York University e o Instituto Ecoar.

Toronto é uma cidade que se autodenomina A City Within a Park [1]. Existem placas por toda a cidade com este epíteto; existem parques por todos os lados e, com exceção da relativamente pequena região central, é bastante arborizada. Áreas como a Praça da República aqui de São Paulo, por exemplo, lá são chamadas "parques"; são parques de vizinhança. Além dos grandes parques como o High Park ou o Edwards Garden, existem inúmeros desses parques de vizinhança pela cidade; eles são pequenos e muito freqüentados. Sempre há crianças brincando, pessoas lendo, tomando sol, conversando, passeando com seus cachorros, jogando bola, caminhando e, em alguns deles, acontecem atividades organizadas apenas pela comunidade ou em conjunto com a prefeitura, como piqueniques, pizza comunitária, teatro ao ar livre, apresentações de dança ou outras.

Quando fui para Toronto, em agosto 2004, um dos lugares sobre os quais tinha ouvido falar com muito entusiasmo e que eu tinha, portanto, muita vontade de conhecer, era o Toronto Music Garden. Peguei um bonde, meio de transporte muito comum na cidade (e que tem conexão gratuita com ônibus e metrô) e lá fui eu. O bonde ia na direção sul, a direção do Lago Ontário, e quando chegamos à avenida que beira a água, na estação Queen's Quay, desci; o motorneiro me disse "É logo ali, do outro lado da rua".

Atravessei a larga e movimentada avenida e, ao começar a caminhar em direção ao jardim, percebi que havia algo diferente por ali. A paisagem era "selvagem", no sentido de parecer um lugar onde não havia a mão do homem, mas é claro que havia; era um wetland [2] construído. Toda aquela área, às margens do Lago Ontário, foi totalmente transformada pela ocupação urbana - passeios, calçadas, jardins, teatro,

e outros - e vem sofrendo contínuas alterações. A paisagem original desapareceu há tempos.

A idéia básica desse alagado - Spadina Quay Wetland [3] - é educativa. O objetivo de sua construção foi recuperar a situação original do local para que a população tomasse conhecimento dela e compreendesse a importância desse ecossistema como habitat de inúmeras espécies vegetais e animais. A área é relativamente pequena (8.000 m<sup>2</sup>) e fica entre o lago e uma larga avenida com grande movimento de veículos.



Ela foi (re)construída com base em informações históricas e imagens referentes ao local. Há placas informativas, com imagens e explicações sobre os motivos da (re)construção desse ecossistema, que é área de desova de algumas espécies animais. Um antigo estacionamento estéril no Queen Quay [4], em Toronto, foi transformado em um complexo diferenciado de habitats alagados e terrestres de 3.500 m<sup>2</sup>.

O alagado Quay Spadina foi criado através da construção de várias aberturas na parede das docas para permitir que houvesse troca de água com a Baía e oferecer

condições que atraíssem a desova do northern pike [5], assim como muitas outras espécies."[6]

O local chama a atenção por apresentar um aspecto bastante diferenciado, tendo em vista ser aquela uma área urbana. Ali a paisagem foi projetada, mas este é um projeto onde o desenho não prevalece. O que se fez naquele local foi recuperar o ambiente de forma a ter uma aparência "natural" e cumprir suas funções ecológicas. O que se buscou foi re-estabelecer condições similares às originais na tentativa de recuperá-las e às funções naturais que elas comportam e propiciam. Cabe aqui um comentário de Gilles Clément sobre o trabalho de Roberto Burle Marx [7]: "[Burle Marx] tem... o domínio total dos processos ecológicos. Mas não quis fazer disso uma estética. Talvez reserve deliberadamente para a ecologia o lugar da natureza, como o fazemos no caso das reservas, e não pense na possibilidade de integrá-la ao jardim." Neste alagado construído vemos um jardim sem a intenção estética explícita, mas como diz Clément, "[é] claro que a própria natureza, em seus processos, contém em si uma capacidade de produzir beleza."



Bem, depois de passar por esse alagado construído, andei por uma calçada larga à beira da água e cheguei então ao Toronto Music Garden. Espanto. Da aparente desordem natural passei à ordem de um projeto, de um desenho. Nesse jardim tudo é meticulosamente arranjado, propiciando um prazer estético imenso. Reina calma no lugar, ele é convidativo, aconchegante, cheio de surpresas.

Este projeto teve seu início em Boston. Ele foi elaborado pelo excepcional violoncelista Yo Yo Ma, e pela paisagista Julie Moir Messervy, sob a inspiração da Sonata nº 1 de Bach. A idéia da dupla foi traduzir a Sonata para a linguagem da paisagem. Depois de longuíssima negociação para sua construção em Boston, decidiu-se por não fazê-lo e, por motivos que agora não vêm ao caso, ele acabou sendo projetado para, e construído, em Toronto.

Podemos fazer uma análise do jardim sob o ponto de vista de Darrel Morrison, arquiteto paisagista e professor que atualmente leciona em Nova Iorque, que diz que devemos reproduzir num jardim quatro qualidades existentes em ambientes naturais: mistério, complexidade, coerência e legibilidade. Esse jardim possui essas quatro características.

### **Mistério**

Muitos de seus caminhos são curvos, o que nos leva adiante, querendo saber o que existe depois de cada curva. Muitas vezes são pequenos recintos; em um deles há uma pedra com uma concavidade cheia d'água; suscita uma fonte natural, mas não o é; é uma "poça", um pequeno lago na pedra, com ralo e tudo, mas isso não importa; o que importa é a presença da água, pedras para nos sentarmos, e silêncio. Um silêncio que envolve, acolhe, acaricia. Em outros recintos, não há nada especial, apenas um círculo para se dar meia volta e caminhar novamente por onde se veio, dessa vez olhando para o outro lado - são visões completamente diferentes, a da ida e a da volta.



Há um quê de segredo, de enigma nesses pequenos recintos que são o fim de caminhos e o centro de espirais. Quando lá se chega, parece que eles nos estavam esperando para nos oferecer alguma coisa. Num dos dias em que estive lá estava lá também um casal italiano com seu filho de uns 5 anos. O guri encantou-se com a água na pedra. Eu estava lendo, sentada numa pedra grande. Sou encantada com crianças, então fiquei a observar o moleque brincando. Voltei lá um mês depois e qual não foi minha surpresa ao me deparar com a mesma família no mesmo caminho que leva à mesma água dentro do mesmo recinto. Mistério.

### **Complexidade**

Existe uma quantidade enorme de diferentes espécies vegetais, o que oferece uma riqueza de texturas, de cores, de formas, de perfumes, de ruídos, impressionante. São flores grandes, pequenas, de todas as cores, em cachos, solitárias, algumas que atraem borboletas multicoloridas, causando um gracioso burburinho que atrai nosso olhar.

O terreno é ondulado e, os caminhos, sinuosos. No ponto mais alto, há uma estrutura de ferro circular e vazada que convida ao estar - pode abrigar um grupo de contadores de histórias, um grupo de crianças brincando, alguém que resolva dançar, ou... qualquer outra coisa. É uma estrutura aberta muito sedutora. Há também um

anfiteatro de grama pequeno e confortável. Dali assisti a um espetáculo de dança e música flamenga. A escala é pequena, de todos os lugares se vê bem o “palco”, de todos os cantos se escuta bem. É um lugar feito para reunir, confortavelmente, poucas pessoas.



O enquadramento do espetáculo se faz pela água do Lago Ontário - os barcos que ali balouçam, o jardim e os prédios da avenida. Sabemos estar na cidade, mas num canto privilegiado dela. É um lugar extremamente calmo. Há recantos, mas há também grandes espaços. Há algumas áreas sombreadas e outras ensolaradas. Para sentar, as opções são inúmeras. Bancos pelos caminhos, pedras em vários recintos, gramados ao sol e à sombra.

Existe uma pequena praça que se apresenta como um ótimo ponto de encontro. Dela saem vários caminhos e nela se sentam algumas pessoas esperando amigos e outras, apenas descansam.

## Coerência

Essa complexidade não é caótica, mas absolutamente coerente. Não existe choque quando se passa de um recinto a outro, mas sim surpresa, o descortinamento de novas possibilidades sensoriais, mas sempre há fluidez quando se caminha pelo jardim. Tudo faz sentido, como se Yo Yo Ma, Julie Messervey e J. S. Bach nos estivessem contando uma história.

### Legibilidade

O jardim é um lugar onde nos localizamos com muita facilidade. Existem os caminhos em espiral, a pequena praça central, o anfiteatro, a colina, a referência do lago, a da avenida e a escala, que nos acolhe com muito competência, propiciando conforto.

É bastante simples compreender como se estrutura, como suas várias partes se interligam; elas, na verdade, conversam entre si. Enquanto caminhamos ou quando nos sentamos em algum dos espaços que esse jardim nos oferece, podemos ouvir as histórias que eles nos contam.



Tive o privilégio de ir a esse jardim quatro vezes. Na primeira delas, as flores estavam presentes e esplendorosas - era o fim do verão. Muitas cores, muitas formas, muitos

perfumes. Cada um me convidava a diminuir o ritmo do meu passeio. Na minha segunda ida, fiz uma visita guiada por uma voluntária que trabalha para a prefeitura. Ela foi feita ao som da Sonata nº 1. Combinação perfeita.

Uma história curiosa contada pela guia: no dia da inauguração do Jardim, Yo Yo Ma esqueceu seu cello no táxi que o levou até lá. Um estudante de música, também violoncelista, emprestou seu próprio instrumento para que o artista pudesse fazer o concerto. Seu cello foi localizado logo depois.



Ao final da visita guiada, um senhor inglês, absolutamente encantado com o jardim, comentou comigo, "Que pena que este jardim fica num lugar tão central e barulhento como este...", ao que respondi "Na verdade, que bom que um lugar central e barulhento com este tem um refúgio como este jardim!".

PS: "O Jardim Musical de Toronto se inscreve de fato numa série de seis filmes de uma hora, correspondentes às seis suítes para violoncelo de Johann Sebastian Bach. A evocação de cada suíte foi confiada a um artista diferente, para ser desenvolvida em um meio diferente. O paisagismo então, depois a arquitetura (filme realizado por François Girard), a dança, o cinema (filme



realizado por Atom Egoyan), o teatro japonês Kabuki (filme realizado por Niv Fichman, o instigador da série) e a patinação sobre o gelo. A série de 6 filmes, intitulada «Yoyo-Ma inspired by Bach» foi produzida por Rhombus Media (416-971-7856, rhombus @total.net) e distribuída pela Sony." [8]



### notas

[1] "Uma cidade em meio a um parque"

[2] Wetland quer dizer `alagado´; neste caso, ele não é natural, mas construído.

[3] Alagado do Cais Spadina.

[4] Cais Queen.

[5] Um peixe esguio, predatório, do Hemisfério Norte, que alcança o comprimento de mais de 1,20 m, tem nadadeiras espinhosas e a cabeça pontiaguda.

[6] Do página da internet abaixo, acessada em 29 de maio de 2006.  
<http://72.14.209.104/search?q=cache:J15t72hEAEUJ:www.waterfronttrail.org/pdfs/books/Decade/chapter%25202%2520-%2520pages%25204-6.pdf+queen%27s+quay+wetland&hl=pt-PT&ct=clnk&cd=10&client=safari>

[7] in "Nos Jardins de Burle Marx", de Jacques Leenhardt, editado em 1994 pela Ed. Perspectiva.

[8] de texto de Charles-Antoine Rouyer, professor da York University, em Toronto.

### **Nota dos Editores**

Os artigos publicados em *PAISAGENS EM DEBATE* não refletem opinião ou concordância dos professores da FAU nem da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a *PAISAGENS EM DEBATE* consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros pela Área de Paisagem e Ambiente (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo da Área.